

«E por ali o caminho!» Indica a pastora de Moita do Pinheiro. ↘

início/fim: Pista de Moitas

extensão: 8,26 Km

duração: ±3h30

grau de dificuldade: fácil ●●○○○



— A história na Paisagem

sabia que?



A zona de musgo mais abundante nas árvores isoladas indica o Norte, porque esta planta para crescer prefere a humidade.

Junto ao hangar e estacionamento da pista de Moitas, dá-se o princípio do percurso, à descoberta dos monumentos megalíticos existentes por estas paragens. Os primeiros passos conduzem-nos a uma pradaria fustigada pelo incêndio de 2006, mas ainda assim vale a pena conhecer e prosseguir viagem pela História. A quase dois quilómetros do início de caminho, a paisagem começa a ganhar vida. Sobre os nossos olhos, surge um quadro privilegiado onde o humano e a natureza parecem conviver em harmonia. Ao longe, ouvem-se os sinos da Igreja das Moitas e avistam-se as casas da aldeia circundadas por um pinhal verdejante. Mais à frente vislumbra-se a povoação de Atalaia, seguida de Vale das Balsas. Passado este lugar panorâmico, deparar-se-á com um cruzamento que lhe dá indicações do primeiro sinal de História a visitar: a Anta Cão do Ribeiro, localizada



_ Arco de Moitas



_ Anta do Vale do Alvito

numa pequena cumeada entre a zona agrícola e florestal.

Satisfeita a curiosidade histórica, o caminho continua paralelo à ribeira de S.Gens. Ladeando uma horta – no início do Verão, toda ela coberta de milho verde –, encontra um antigo moinho e a sua levada. Atravessa-se outra linha de água, que seca nos meses de calor, e segue-se em direcção à pequena povoação de Moita do Pinheiro. A pouco mais de cinco quilómetros do início do percurso, faça um curto desvio e suba o cabeço para observar a Anta do Vale do Alvito, que quase passa despercebida à maioria dos visitantes.

Com um cenário amplo, aromatizado pelos jovens eucaliptos que insistem em ser mais fortes do que os incêndios, e com dezenas de aerogeradores ao longe, avançamos escassos metros para chegar à terceira Meimosa do percurso. No Cabeço da Anta, como é denominada, observa-se uma laje de xisto de proporções consideráveis. No mesmo local, encontra ainda um marco geodésico. A partir daqui, é a frescura e o perfume dos pinheiros que nos acompanham no caminho. A sete quilómetros, entramos na isolada localidade de Moita do Pinheiro, habitada por apenas uma família, um dos sete lugares que compõem as Moitas, além da



_ Moitas

Moita Mateus Alves, Moita Pedro Domingues, Moita do Grilo, Moita do Santo, Moita do Arco e Moita do Ferreiro. Se quiser, pode entrar na aldeia para adquirir produtos locais, como mel e queijo. Ao continuar viagem, irá percorrer uma subida da



PR1 _ principais pontos de interesse:

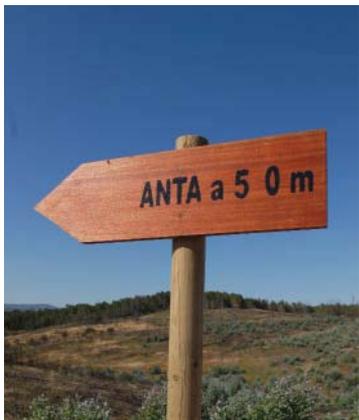


- 1 _ Centro de Paraquedismo; 2 _ Arco da Moita; 3 _ Anta do Cão do Ribeiro;
- 4 _ Anta do Vale do Alvito; 5 _ Cabeço da Anta; 6 _ Centro de Ciência Viva da Floresta

íngreme, mas demasiado curta para que represente um empecilho à resistência física. A escassos metros, irá rodeá-lo uma pradaria à direita e, à esquerda, uma pequena vinha, sinal de que, felizmente, ainda há quem teime em tratar a terra. A finalizar o trajecto, chega-se ao aeródromo de Moitas. No recinto

existe um bar, onde pode parar para restabelecer energias. Ao longe, avistam-se também as recém construídas instalações do Centro de Ciência Viva.

O percurso termina, exactamente, onde começou: na Pista de Moitas.



Arco da Moita

Construído em xisto, a pedra dominante na região de Proença-a-Nova, e em data indeterminada, diz-se que o Arco da Moita foi erguido por agradecimento a Nossa Senhora. O povo conta que uma criança que passava todos os dias neste sítio, a caminho da escola, muitas vezes, já noite escura, sentia medo e chorava. Até que um dia apareceu uma Senhora vestida de branco que o encorajou e lhe disse para estudar muito que, quando crescesse, iria ser padre. A partir desse dia, o rapaz nunca mais sentiu receio. Estudou e, quando se formou, ergueu o arco como símbolo da porta da coragem. Há poucos anos, a autarquia mandou reconstruir o arco, depois de um camião o ter derrubado acidentalmente.

› Percurso das Antas

Datadas do período Neolítico/Calcolítico, as antas ou mamoaos são câmaras funerárias usadas neste período da Pré-História. A Anta do Cão do Ribeiro foi escavada até à base no lado Sul, talvez para extração de argila. O caminho de acesso passa por cima da mamoa no lado Poente. A Anta do Vale do Alvito tem 35 metros de diâmetro no eixo EO e 33 no NS. À superfície, observam-se dois grandes blocos de xisto – grauvaque. A terceira mamoa do percurso, Cabeço da Anta, tem cerca de 38 metros de diâmetro [eixos Ns Eo] e mais de três metros de altura. No topo, observa-se uma laje de xisto com um metro de comprimento, 10 cm de altura e 35 cm de espessura.

«As antas desta região, e de algumas outras do país, são sepulturas em forma de câmara fechada, construídas em lajes de xisto, fincadas no solo verticalmente, com uma única laje servindo de “rampa”. Apresentam geralmente um corredor, orientado a nascente, e estavam envolvidas por montículos artificiais de terra, argila e pedras - Mamoas.» (Francisco Henriques / Jorge Gouveia - Centro de Estudos do Alto Tejo)



› Fauna e Flora

Essencialmente constituída por pinhais e eucaliptais no estrato arbóreo, estevas (*Cistus ladanifer*), urzes (*Erica scoparia*, *Calluna vulgaris*), tojos (*Ulex*) no estrato arbustivo. Junto às ribeiras e linhas de água aparecem frequentemente tufos de gilbardeira (*Ruscus aculeatus*). De vez em quando, quase isoladamente (tomados pelos pinhais), podem-se observar sobreiros, azinheiras e alguns pequenos olivais, como resquícios da floresta tradicional portuguesa.

Neste percurso poderão ser observados: raposa (*Vulpes vulpes*), ginete (*Genetta genetta*), saca-rabo (*Herpestes ichneumon*), javali (*Sus scrofa*), lebre (*Lepus capensis*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), perdiz vermelha (*Alectoris rufa*), gralha preta (*Corvus corone*), gaio (*Garrulus glandarius*), mocho galego (*Athene noctua*), peneireiro de dorso malhado (*Falco tinnunculus*), entre outros.

PONTOS DE INTERESSE



ARCO DA MOITA

Construído em xisto, a pedra dominante na região de Proença-a-Nova, e em data indeterminada, diz-se que o Arco da Moita foi erguido por agradecimento a Nossa Senhora. O povo conta que uma criança que passava todos os dias neste sítio, a caminho da escola, muitas vezes, já noite escura, sentia medo e chorava. Até que um dia apareceu uma Senhora vestida de branco que o encorajou e lhe disse para estudar muito que, quando crescesse, iria ser padre. A partir desse dia, o rapaz nunca mais sentiu receio. Estudou e, quando se formou, ergueu o arco como símbolo da porta da coragem. Há poucos anos, a autarquia mandou reconstruir o arco, depois de um camião o ter derrubado acidentalmente.



-> ARCO DA MOITA



-> ANTA DO VALE DO ALVITO

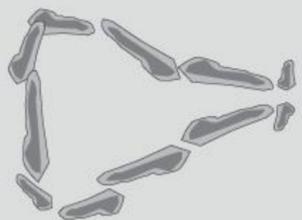
PERCURSO DAS ANTAS

Datadas do período Neolítico/Calcolítico, as antas ou mamoas são câmaras funerárias usadas neste período da Pré-História. A Anta do Cão do Ribeiro foi escavada até à base no lado Sul, talvez para extracção de argila. O caminho de acesso passa por cima da mamoa no lado Poente. Desde o centro da câmara funerária e o caminho para Norte e Sul, este testemunho pré-histórico mede 9,40m³.

A Anta do Vale do Alvito tem 35 metros de diâmetro no eixo EO e 33 no NS. À superfície, observam-se dois grandes blocos de xisto – graúvaque.

A terceira mamoa do percurso, Cabeço da Anta, tem cerca de 38 metros de diâmetro (eixos Ns Eo) e mais de três metros de altura. No topo, observa-se uma laje de xisto com um metro de comprimento, 10 cm de altura e 35 cm de espessura.

"As antas desta região, e de algumas outras do país, são sepulturas em forma de câmara fechada, construídas em lajes de xisto, fincadas no solo verticalmente, com uma única laje servindo de "tampa". Apresentam geralmente um corredor, orientado a nascente, e estavam envolvidas por montículos artificiais de terra, argila e pedras - Mamoas." [Francisco Henriques/Jorge Gouveia - Centro de Estudos do Alto Tejo]



CUIDADOS ESPECIAIS E NORMAS DE CONDUTA

- Seguir somente pelos trilhos sinalizados;
- Cuidado com o gado. Embora manso, não gosta da aproximação de estranhos às .suas crias;
- Evitar barulhos e atitudes que perturbem a paz do local;
- Observar a fauna à distância, preferencialmente com binóculos;
- Não danificar a flora;
- Não abandonar o lixo, levando-o até um local onde haja serviço de recolha;
- Fechar as cancelas e portelos, sempre que as houver;
- Respeitar a propriedade privada;
- Não fazer lume;
- Não colher amostras de plantas ou rochas;
- Ser afável com os habitantes locais, esclarecendo quanto à actividade em curso e às marcas do PR;
- Em época de caça (de 15 de Agosto a 31 de Maio) tome precauções acrescidas.



-> MOITAS

CONTACTOS GERAIS

Câmara Municipal de Proença-a-Nova - Tel 274 670 000
GNR de Proença-a-Nova - Tel 274 672 667
Bombeiros Voluntários de Proença-a-Nova - Tel 274 671 555
Centro de Saúde de Proença-a-Nova - Tel 274 670 040
Posto de Turismo - Tel 939 623 269
Número nacional de Emergência - 112
Linha de Fogos - 117

CONTACTOS ESPECÍFICOS

Farmácia Roda [Proença-a-Nova] - Tel 274 672 593
Centro de Ciência Viva - 274 670 220

ENTIDADE PROMOTORA



APOIOS



Percurso pedestre registado e homologado pelo:



Produzido por blanche®

PERCURSOS PEDESTRES DE PROENÇA-A-NOVA

A história na PAISAGEM



PR
1
PNV

MUNICÍPIO DE PROENÇA-A-NOVA
CENTRO DE CIÊNCIA VIVA
CENTRO DE ESTUDOS DO ALTO TEJO
CENTRO DE CIÊNCIA VIVA

ASSOCIACAO DE CAMINHANTES DE PORTUGAL



O PR1 "A História na Paisagem" é um percurso pedestre de pequena rota marcado nos dois sentidos, segundo as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. As marcas com tinta amarela e vermelha são as seguintes:



FAUNA E FLORA



Essencialmente constituída por pinhais e eucaliptais no estrato arbóreo, estevas (*Cistus ladanifer*), urzes (*Erica scoparia*, *Calluna vulgaris*), tojos (*Ulex*) no estrato arbustivo. Junto às ribeiras e linhas de água aparecem frequentemente tufos de gilbardeira (*Ruscus aculeatus*). De vez em quando, quase isoladamente (tomados pelos pinhais), podem-se observar sobreiros, azinheiras e alguns pequenos olivais, como resquícios da floresta tradicional portuguesa.

Neste percurso poderão ser observados: raposa (*Vulpes vulpes*), ginete (*Genetta genetta*), saca-rabo (*Herpestes ichneumon*), javali (*Sus scrofa*), lebre (*Lepus capensis*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), perdiz vermelha (*Alectoris rufa*), gralha preta (*Corvus corone*), gaio (*Garrulus glandarius*), mocho galego (*Athene noctua*), peneireiro de dorso malhado (*Falco tinnunculus*), entre outros.



-> CAMINHO PARA O CABEÇO DA ANTA



nado, encontra-se um marco geodésico. A partir daqui, é a frescura e o perfume dos pinheiros que nos acompanham no caminho. A 7 Km, entramos na isolada localidade de Moita do Pinheiro, habitada por apenas uma família, um dos sete lugares que compõem as Moitas, além da Moita Mateus Alves, Moita Pedro Domingues, Moita do Grilo, Moita do Santo, Moita do Arco, Moita do Ferreiro. Se quiser, pode entrar na aldeia para adquirir produtos locais, como mel e queijo. Ao continuar viagem, irá percorrer uma subida íngreme, mas não demasiado longa para que represente um empecilho à resistência física. A escassos metros, uma pradaria à direita e, à esquerda, uma pequena vinha são sinais de que, felizmente, ainda há quem teime em tratar a terra. A finalizar o trajecto, chega-se novamente ao aeródromo de Moitas. No recinto existe um bar, onde pode parar para restabelecer energias. Em frente avista-se o Centro de Ciência Viva da Floresta, que deverá visitar. O percurso termina, exactamente, onde começou na Pista de Moitas, junto ao hangar.

Junto ao hangar e estacionamento da pista de Moitas, dá-se o princípio do percurso, à descoberta dos monumentos megalíticos existentes por estas paragens. Os primeiros passos conduzem-nos a uma pradaria fustigada pelo incêndio de 2006, mas ainda assim vale a pena conhecer e prosseguir viagem pela História.

A quase 2 Km do início do caminho, a paisagem começa a ganhar vida. Sobre os nossos olhos, surge um quadro privilegiado onde o humano e a natureza parecem conviver em harmonia. Ao longe, ouvem-se os sinos da Igreja das Moitas e avistam-se as casas da aldeia circundadas por um pinhal verdejante. Mais à frente vislumbra-se a povoação de Vale das Balsas. Passado este lugar panorâmico, deparar-se-á com um cruzamento que lhe dá indicações do primeiro sinal de História a visitar: a Anta Cão do Ribeiro, localizada numa pequena cumeada entre a zona agrícola e florestal. Satisfeita a curiosidade histórica, o caminho continua paralelo à ribeira de S.Gens. Ladeando uma horta – no início do Verão, toda ela coberta de milho verde –, encontra um antigo moinho e a sua levada. Atravessa-se outra linha de água, que seca nos meses de calor, e segue-se para sul. A pouco mais de 5 Km do início do percurso, faça um curto desvio e suba o cabeço para observar a Anta do Vale do Alvito, que quase passa despercebida à maioria dos visitantes.

Com um cenário amplo, aromatizado pelos jovens eucaliptos que insistem em ser mais fortes do que os incêndios, e com dezenas de aerogeradores ao longe, avançamos escassos metros para chegar à terceira Mamoá do percurso. No Cabeço da Anta, como é denomi-



→ ANTA DO CÃO DO RIBEIRO



→ O ÚLTIMO TROÇO DO PERCURSO FAZ-SE JUNTO À PISTA DE MOITAS



PRINCIPAIS PONTOS DE INTERESSE

- 1 CENTRO DE PARAQUEDISMO
- 2 ARCO DA MOITA
- 3 ANTA DO CÃO DO RIBEIRO
- 4 ANTA DO VALE DO ALVITO
- 5 CABEÇO DA ANTA
- 6 CENTRO CIÊNCIA VIVA DA FLORESTA

LEGENDA

- OBSERVAÇÃO DA FLORA
- OBSERVAÇÃO DA AVIFAUNA
- POVOAÇÃO
- ANTA
- PONTOS DE INTERESSE
- ABASTECIMENTO DE ÁGUA
- INÍCIO / FIM DO PERCURSO
- PARQUE DE MERENDAS

